



A construção da autogestão nas incubadoras universitárias: uma reflexão sobre a experiência da ITCP USP

VIOLA, Paolo Marti Grasson Pereira de Souza¹;
PINTO, Luciana Moizes²
FUJITANI, Mayara Kise Telles³
SVARTMAN, Bernardo Parodi⁴

RESUMO EXPANDIDO TRABALHO TÉCNICO-CIENTÍFICO

Grupo Temático: GT 2 - Educação para EcoSol: Educação popular, Políticas públicas para educação e Curricularização da extensão

Resumo

As incubadoras universitárias atuam no campo da economia solidária a partir de projetos que integram extensão, ensino e pesquisa. Do ponto de vista formativo, elas buscam ensinar aos estudantes como trabalhar com projetos de geração de renda de forma autogestionária e cooperativa. Em nossa experiência profissional, identificamos que um desafio importante é como trabalhar a coerência entre os temas estudados, a atuação externa e a organização interna das incubadoras. Além disso, a atual curricularização da extensão representa um cenário novo, com potencialidades e desafios ligados ao trabalho com grupos maiores de estudantes. Esta apresentação tem como objetivo refletir sobre estes desafios vivenciados pela equipe de coordenação da ITCP USP ao longo de sua história. A metodologia utilizada é a da pesquisa-ação (relato de nossa experiência na construção da autogestão da incubadora) e análise dos documentos a respeito das distintas fases de seu funcionamento. Os resultados estão ligados à discussão da proposta de criação dos círculos concêntricos entre estudantes, formadores e equipe de coordenação. Avaliamos que a proposta de criação destes diferentes círculos, que se integram mas mantêm distinções relacionadas às atribuições e responsabilidades dos membros da equipe, ajuda a construir uma experiência de autogestão possível e capaz de levar em conta as características de funcionamento de um programa de extensão universitária.

Palavras-chave: incubadoras universitárias; autogestão; extensão universitária

¹ Universidade de São Paulo, ITCP - USP, paque.viola@gmail.com.

² Universidade de São Paulo, ITCP - USP, luciana.souza.cruz@alumni.usp.br

³ Universidade de São Paulo, ITCP - USP, mayara.kise@gmail.com

⁴ Universidade de São Paulo, ITCP - USP, bernardo@usp.br



1) Introdução

A discussão sobre as possibilidades e os desafios ligados à construção da autogestão dentro das incubadoras universitárias parece ser um tema pouco estudado e debatido. Notamos a partir de nossa experiência que vários desafios e contradições se impõem nesse caminho. O ambiente institucional hierárquico presente nas universidades - dimensão que inevitavelmente influencia o planejamento e a organização das incubadoras - e a diversidade de interesses, níveis de conhecimento e formas de envolvimento de professores, técnicos e estudantes nas atividades representam alguns dos desafios que precisam ser enfrentados na construção de uma autogestão possível no ambiente universitário.

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da USP (ITCP-USP) é um programa de extensão universitária que, desde sua fundação em 1998, atua na formação em Economia Solidária e no apoio a cooperativas e iniciativas autogestionárias. Parte de sua identidade institucional está na tentativa de construir internamente uma prática coerente com os princípios que promove externamente: autogestão, horizontalidade, construção coletiva de projetos e inclusão. Este texto tem como objetivo refletir sobre essa experiência e as formas encontradas para lidar com as dificuldades características do ambiente universitário que atuam na direção contrária a estes propósitos.

Com o desmonte da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) e a descontinuidade do PRONINC, as ITCPS sofreram um impacto direto em sua capacidade de sustentação financeira e organizacional. Foi nesse contexto que, em 2018, a ITCP-USP iniciou um processo de reestruturação de sua forma organizativa. A proposta dos "círculos concêntricos" emergiu como uma tentativa de reorganizar responsabilidades, tomada de decisão e participação, em um momento de escassez de recursos e alto nível de rotatividade entre os membros.

1.1 Os referenciais teóricos da reestruturação: entre Jo Freeman e a FARJ

Duas leituras foram decisivas para a equipe nesse processo: "A tirania das organizações sem estrutura", de Jo Freeman (1970), e "A organização específica anarquista", da Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ, 2008).

Freeman alerta para os riscos de estruturas informais e opacas que, ao rejeitarem a formalização, favorecem o surgimento de elites internas não legitimadas. Já a FARJ propõe uma organização baseada na "porta aberta" e na "participação real", propondo os "círculos concêntricos" como forma de distribuir responsabilidades conforme o grau de envolvimento e formação dos membros. Esses conceitos ajudaram a ITCP-USP a pensar uma autogestão que reconhece diferenças de acúmulo, sem abrir mão da inclusão e da horizontalidade como princípios.

1.2. A influência da psicologia social e da reflexão sobre a estrutura dos grupos



A discussão sobre a organização interna foi aprofundada com contribuições da psicologia social. A compreensão de que os grupos têm dinâmicas próprias, não redutíveis à soma de indivíduos nem às imposições institucionais, ajudou a perceber que a estrutura grupal não é um dado fixo, mas um campo em disputa. Freud (1920/2011) e Bion(1975), por exemplo, apontam que vínculos inconscientes e afetivos influenciam na formação de lideranças, subgrupos e processos de exclusão simbólica.

A explicitação das estruturas, portanto, é condição para que o coletivo se observe criticamente e garanta que os princípios autogestionários não sejam apenas declarados, mas também praticados. Essa compreensão levou a ITCP a propor mecanismos mais claros de entrada, permanência e tomada de decisão.

2) Metodologia

Esta reflexão está apoiada na metodologia da pesquisa-ação. A pesquisa-ação é uma metodologia aplicada à pesquisa social que se desenvolve por meio de um processo empírico, no qual participantes e pesquisadores dialogam, de forma participativa e colaborativa, sobre os problemas internos e externos ao coletivo. A metodologia segue uma linha estratégica de identificação do problema dentro de um contexto social, levantamento de dados relevantes ao respectivo problema, análise e interpretação desses dados, identificação da importância de mudança, levantamento de soluções e proposta de intervenção prática, aliando pesquisa e ação (THIOLLENT, 1992).

Além disso, as ações de extensão em Economia Solidária praticadas pela ITCP-USP se fundamentam na educação popular proposta por Paulo Freire, no qual o conhecimento é construído nas relações humanas, de forma conjunta e dialógica, pois é permeado pela curiosidade e pelo desejo de aprender e de ensinar de todos os envolvidos. Nessa concepção de “educação libertadora”, os temas e problemas sociais estão no centro do trabalho educativo, que deve servir como instrumento de conscientização a serviço da democratização e da participação política igualitária (FREIRE, 1997). O método dialógico e a interdisciplinaridade permeiam todas as ações da ITCP-USP por serem características marcantes da autogestão, na qual todos os membros devem compartilhar informações e conhecimentos, para que possam se apropriar dos processos, demandas e deliberações exigidos. A gestão coletiva, descentralizada e autônoma dos processos internos, pauta-se na socialização das experiências de vida de todos os membros e contribui para o crescimento conjunto, ativo e transformador da sociedade.

3) Resultados e Discussão: a experiência de implementação dos círculos concêntricos na ITCP-USP

O novo modelo adotado estabelece instâncias que distribuem o poder conforme a participação efetiva em determinadas frentes. Dentre elas estão: o "campo" (atuação junto aos grupos incubados ou assessorados), o GEPEM (grupo de ensino, pesquisa e



extensão), a coordenação discente e o Conselho Acadêmico. Cada uma dessas instâncias possui funções, responsabilidades e poderes de deliberação diferentes, o que permite que cada membro possa transitar entre os círculos conforme sua formação, disponibilidade e acúmulo.

O processo de entrada também foi revisto. A figura do "formador" é agora resultado de um processo de um ano de participação como estudante bolsista, com acompanhamento e formação continuada. Isso garante maior clareza quanto às responsabilidades e permite que o compromisso com a instituição possa se desenvolver ao longo do tempo. Dessa forma, cria-se um espaço para simpatizantes e colaboradores, sem exigir deles o mesmo nível de engajamento e compromisso institucional.

Passado alguns anos dessa reestruturação em círculos concêntricos, é possível observar ganhos importantes: aumento do protagonismo dos bolsistas, maior reconhecimento da ITCP-USP junto a redes e parceiros externos, e uma produção acadêmica significativa. O quadro de formadores foi mantido mesmo diante da escassez de recursos, e há uma percepção geral de que os papéis estão mais claros e o engajamento mais consistente.

Por outro lado, ainda permanecem alguns desafios. A assimetria de informação entre os membros permanece como obstáculo para uma participação plenamente qualificada e equitativa. A transparência nos processos e a socialização dos conhecimentos institucionais são metas em permanente construção. O próprio ambiente universitário, com suas pressões e modos de funcionamento, impõe lógicas e formas de planejamento que dificultam o processo de autogestão.

3) Considerações Finais

A experiência da ITCP-USP mostra que a autogestão não é um estado a ser alcançado, mas uma prática em constante (re)construção. É uma meta importante da formação das/dos estudantes buscar o desenvolvimento de uma coerência entre estudos, práticas extensionistas e a autogestão da incubadora. Em tempos de escassez de recursos, apostar na reflexão coletiva, no diálogo de saberes e na construção compartilhada de estruturas pode ser o caminho para fortalecer experiências autônomas e solidárias dentro do ambiente universitário. A curricularização da extensão permitiu dar maior visibilidade ao projeto, mas também ampliou o desafio de receber estudantes que têm um interesse de aproximação mais superficial ou ainda incipiente. Os círculos concêntricos não representam uma solução definitiva, mas uma proposta em movimento, que tem buscado conciliar coerência ética, organização concreta e formação política em um mesmo processo pedagógico, permitindo a entrada gradual e progressiva em atividades e espaços de tomada de decisão.



Referências

BION, W. R. Experiências com grupos. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

FELIPPE DA SILVA, P. P. F. . Do princípio à metodologia: Uma experiência político-pedagógica na Universidade de São Paulo. 2015.

FREEMAN, J. A Tirania das Organizações Sem Estrutura. Artigo de 1970.

FARJ, Federação Anarquista Do Rio de Janeiro. “A organização Especifica Anarquista” in Anarquismo social e organização. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2008.

FREIRE, Paulo. Papel da Educação na Humanização. Rev. da FAEEBA, Salvador, n. 7, p. 9-17, jan./jun. 1997.

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 1920/2011.

SINGER, P. Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SINGER, P. Uma utopia militante: repensando o socialismo. São Paulo: Vozes, 2ª Ed, 1998

SINGER, P. Dez anos de Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES). Revista Mercado de Trabalho, nº 56, fevereiro de 2014. Disponível em:
http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/bmt56_econ02_d ez_anos.pdf

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 5a ed. São Paulo: Cortez, 1992.